

Germinal!

Semanario anarquista

Administração: R. Felipe — Redacção: Florentino de Carvalho — Caixa postal, 134 — S. PAULO (Brasil)

ASSINATURA

Anual

10\$000

Semestral

6\$000

Patologia burguesa

As rajadas de selvagemismo que nestes tempos correm por todo o país, provenientes dos horizontes burgueses, seriam realmente assombrosas se não fossem essências rudimentares do estado patológico em que se encontram as classes abastadas que monopolizam os privilégios de mando e de poder.

A conducta seguida pelos fazendeiros de Ribeirão Preto e de Cravinhos para com os trabalhadores dos seus cafezais, negando-lhes todos os recursos de que precisam, ao menos para continuar produzindo; a prisão e a deportação de trabalhadores para Mato Grosso e para a Europa, pelo único motivo de pretender-se defender interesses de empresas particulares e justificar a existência da instituição policial; a exploração e a incomparável escravatura existentes; a aprovação da lei de expulsão de estrangeiros; os procedimentos tenebrosos e violentos, que se têm seguido contra o povo, proibindo as manifestações populares contra o encarceramento da vida, e as sinistras torturas a que se têm submetido os detidos nas profundidades dos calabouços; a situação subversiva em que se encontra o proletariado, e, finalmente, a restrição exorbitante de todas as exteriorizações, iniciativas e progressos populares, considerando a liberdade como gravíssimo delito, destacam em enormes relevos a eclosão dos instintos, das modalidades e dos vícios das raças de celibatários, inquisidores, inextinguíveis insensíveis e cruéis, atrofiados por uma vida violentamente contrária a todas as leis naturais.

Esses exércitos de negreiros que inauguraram na América o «seu» regime «comunista», levando numa mão o crucifixo e na outra o chicote, com o qual não se cansaram de fustigar os seus escravos; esses protótipos da degeneração humana, em constante convívio e coabitação com as tribus de botucudos, são os que geraram os rebentos da casta que manda e que se aproveita do nosso trabalho, jactando-se de ser o escólio da representação brasileira, porque sabe perfilar a moda de Paris como os cidadãos do Congo.

Se em certos momentos ainda se contém sob o influxo dos tempos novos, na maior parte da sua existência semi-consciente, irrompe com a sua fúria selvática, coberta com a manha felina de Torquemada.

Nada nos surpreende.

Estamos acostumados a ver esses tipos vestidos de gente, arremeterem contra todos os princípios

de humanidade, de cultura e de civilização, depois de haverem estragado, durante os seus anos de «estudo», muitos bancos das universidades, e dado encontros com os transeuntes nas ruas de Paris.

Não se trata sómente de vulgares bachareis que pululam no jornalismo e nas repartições públicas de ordem secundária; trata-se de homens eminentes, formados em sciencias juridicas e sociais, e que administram a Nação.

Um fazendeiro de Jaú, tratando de defender o delegado de polícia daquela localidade afirma que, «se essa autoridade se cingisse ás ordens recebidas do Secretario da Justiça então veríamos o que seria reclamar contra atrocidades feréas e arbitrariedades da autoridade policial».

A propósito da intelectualidade brasileira e das universidades nacionais o publicista P. P., assíduo colaborador do «Estado», diz: «Queremos uma universidade nas condições de contrariar a vergonhosa industria de falsificar doutores e bachareis por algumas centenas de mil reis, para satisfazer a vaidade de imbecis...».

Nas modernas gerações escasseiam os homens de valor na literatura e nas sciencias. Nossos parlamentos se convertem gradualmente em simples ajuntamentos de mudos devoradores de subsidio e nulos incapazes de discutir qualquer questão de importância. Aos postos administrativos sobe geralmente quem mais intriga e atraição, em vez de quem mais sabe e vale. Não mais se estuda; não mais se aprende. É uma pavorosa crise de incultura que se alastra, ameaçando-nos com um regime de analfabetismo diplomático, que cobriria de ridículo até o Haiti e a Liberia».

O publicista que assim se exprime pode deixar de lado as suas iusões.

Quem houver estudado alguma cousa sobre a origem e evolução étnica da burguesia nacional, sabe que ela continuará a quebrar os bancos das universidades, sejam elas quais forem, e a sujar os cadernos com hieroglíficos. Os poucos que realmente possuem uma vasta illustração não escapam a esta rotina e atavismo.

Emquanto nós, os anarquistas e os trabalhadores que seguem esta tendência, não tivermos força suficiente para calmar a fúria da casta híbrida e irredenta que dispõe dos destinos do povo brasileiro,

teremos a intervenção dos diplomatas estrangeiros, (monárquicos e religiosos), nas questões da vida pública do país, defendendo, (com fins que não são do caso saber), os seus súbditos da velhacaria e ferocidade da nossa classe dirigente, ensinando a liberdade e a democracia aos liberais e democratas desta república, a primeira, segundo dizem, que assimilou os princípios positivistas, que fizeram a gloria da Revolução Francesa.

FLORENTINO DE CARVALHO

MANIFESTO AOS POVOS de todos os países

A propósito da greve de Ribeirão Preto, das deportações para a Ilapura, da expulsão de estrangeiros, da lei de expulsão, da prisão de Joubert, etc., tínhamos redigido um manifesto para ser editado num suplemento deste jornal, o que ainda não foi possível fazer por dificuldades facéis de explicar, tratando-se de capitalistas como nós, mas possivelmente, o faremos no próximo número.

As sociedades ou grupos que quizerem assinar este manifesto devem comunicar-nos com toda urgencia.

Horrorosa escravatura operaria no Estado do Paraná

Dentre as numerosas noticias que diariamente aparecem até nas colunas da imprensa burguesa sobre as diversas formas em que é escravizado o proletariado, destacamos a seguinte, publicada pelo «Estado de São Paulo» do dia 26 do corrente:

CURITIBA, 19 — O «Diário da Tarde» publica hoje um artigo, intitulado «A região ocidental», e assinado pelo sr. Sebastião Paraná, denunciando a existência da escravatura operaria, criada pela empresa de mate «Laranjeira», estabelecida nas proximidades do salto das Sete Quedas.

A empresa possui armazens de secos e molhados, ferragens, lojas de fazenda, cortumes, fundição, carpintarias e estaleiros e paga o imposto de suas mercadorias e respectivos selos aos governos da Argentina e do Paraguai, sendo a moeda corrente a desses países.

Trabalham para a empresa mais de setecentos operarios, contratados com salarios determinados recebendo-os, porém, em víveres e vestuários por preços exorbitantes, donde resulta que, no ajuste de contas, os patrões são sempre credores, ficando os operarios obrigados a continuarem a trabalhar afim de saldar as suas contas. Se tentam fugir, são perseguidos pela guarda pretoriana, que lhes applica castigos horrorosos, sendo amarrados, surrados e executados quando resistem, ficando muitas vezes os cadáveres insepultos.

O trabalho começa as cinco horas da manhã e termina ás sete horas da noite, havendo uma hora de descanso.

Uma pilula anti-febre custa para os desgraçados, 700 reis; dois pés de mandioca 500 reis; um litro de milho 120 reis; e nessa proporção são vendidos os demais generos de primeira necessidade.

A empresa monopoliza a cultura, proibindo ao operario plantar ainda mesmo que seja um pé de couve, punindo com castigos corporais aos recalcitrantes.

O local, em que se acha estabelecida a vergonhosa empresa de mate «Laranjeira», fica á margem esquerda do rio Paraná, em pleno territorio brasileiro e onde André Rebouças ideára levantar o «Parque Nacional».

Estão ou não estão confirmados todas nossas denuncia a respeito da escravatura operaria no Brasil?

Não está essa empresa funcionando ao amparo da lei, da patria e das autoridades?

Agitação de colonos em Cravinhos

Além dos colonos que ha pouco se declararam em greve temos a mencionar os da fazenda de Toledo Lacerda, os quais abandonaram o trabalho exigindo diversas melhoras.

Os fazendeiros desse municipio reuniram-se no Club Recreativo, aprovando por unanimidade, uma moção de simpatia e solidariedade com os de Ribeirão Preto, protestando o seu apoio contra as exigencias dos colonos.

Tambem deliberaram mandar tres delegados ao próximo Congresso Agrícola de escravocratas, que proximamente se reunirá nesse municipio, e não aceitar colonos que se retirarem de outras fazendas sem completarem um ano de permanencia, sejam quais forem as condições que nelas lhes sejam impostas.

Como se vê, a amabilidade dos fazendeiros vai em aumento, dando sobejos motivos para que os colonos se revoltem e ajam com toda a violencia.

A união e a associação de combate por parte dos colonos, impõe-se como uma imperiosa necessidade, para romper a solidariedade e a força desses exploradores.

Efeitos da greve dos colonos de Ribeirão Preto

Contrariamente ao que os fazendeiros prometeram muitos colonos foram despedidos, ficando os seus haveres nas mãos dos patrões, que se negaram a fazer qualquer pagamento.

Os despedidos e muitos outros trabalhadores, em número de 140 familias, embarcaram em lastimavel estado para a Italia, com passagem paga pelo consulado italiano, que primeiramente os mandou para aqui.

Atrévam-se agora a dizer que caluniamos quando chamamos de larapios os fazendeiros e afirmamos que os trabalhadores, aqui, não tem garantia do seu salario, nem nenhuma outra.

Atrévam-se, e protestem contra a propaganda que esses fugitivos larão na Europa, descrevendo as delicias que gozaram neste paraíso de... café.

PROTESTO contra a prisão e seqüestro de JOUBERT

O Centro de Estudos Sociais do Rio enviou o seguinte protesto ao dr. Sampaio Vidal, digno secretario da... Injustiça:

«Nós, abaixo assinados, membros do Centro de Estudos Sociais, presentes á reunião de hoje, protestamos indignadamente contra a violencia inaudita de que está sendo victima o nosso camarada Joseph Joubert Rivier. Não deveis ignorar que um preso, mesmo segundo as vossas leis, é um ser no qual não se pode tocar. E que haveis vós outros dessa policia de S. Paulo, feito da pessoa do condenado Joseph Joubert Rivier? Onde está ele? Isto é a mais revoltante das violencias!»

«Nós, como homens conscientes da nossa dignidade e, portanto, solidarios com as victimas indefesas dos prepotentes modernos, protestamos contra esse inqualificavel abuso de poder!»

Rio de Janeiro, 10-5-1913.

Palavras subversivas

A igualdade perante a lei é uma *blague* monstruosa. Quando menos... Argumento?... Ora, ouvi!... O Brasil é um grande país. Com efeito: cerca de de nove milhões de quilómetros quadrados, que se esparramam por aí além e habitados por vinte e cinco milhões de cidadãos, cálculo bruto. Perfeito. Agora, racionai... A vida desses vinte e cinco milhões de cidadãos é regulada pelo mesmo dispositivo das mesmíssimas leis. Não importa que sejam cidadãos de costumes diferentes, de tendencias diferentes, de temperamentos diferentes... Não importa. Eles que amoldem os seus temperamentos, as suas tendencias, os seus gostos e os seus costumes pela forma de tais artigos e quais parágrafos. E que o façam mui pacificamente, pois do contrario... não é atoa que a justiça tem os olhos tapados e uma espada na mão...

Sem dúvida. A igualdade perante a lei é uma *blague*. Monstruosíssima *blague*. A das maiores *blagues* amilhada na sabedoria inexpugnável da jurisprudencia democratica...

Quando um anarquista fala da igualdade, que ideamos, entre os homens da sociedade futura, o larpa do burguês rebate logo, importante:

— Oh! isso é muito bonito... não ha dúvida... muito bonito... Mas é impossível... a igualdade é impossível... Não ha cousa no mundo igual a outra!... Veja bem... Sem os ricos, como poderiam os pobres viver?... Não é possível. Veja bem, que não é possível... Sim... as suas theorias são muito bonitas... eu compreendo... A igualdade!... Ahn! ahn! Olhe, menino: isso é pura metafísica!...

E o burguês imbecil supõe esmagarnos com palavras tais... Ora, o burro do burguês!

Eu comparo a «igualdade de condições» que pregamos, a uma composição musical. Vêde porque... Toda a composição musical é formada de notas com «valores diferentes». A harmonia se consegue com o «apoio-mútuo» entre essas notas deslocamento de qualquer delas produz a desarmonia. São diferentes, mas de outras... mas juntas, ajudando-se, auxiliando-se, combinadas para um mesmo fim conseguem este fim, que é a harmonia. É bem o concerto de valores desiguais, altos e baixos... E me parece uma imagem perfeita da «harmonia social», que sonhamos: efeito da «composição» de uma sociedade em que os homens, desiguais entre si, serão todavia iguais nas condições da vida: de cada um segundo as suas forças; a cada um segundo as suas necessidades. É o programa lapidar. Imaginai, porém, uma peça musical composta de notas iguais perante a «lei» do som... Imaginai uma série de «dós»... ou de «fás»... ou de «rés»... Seria a desarmonia. E é a imagem exata de «desmonia social», que o bêsta do burguês defende: efeito da «composição» de um sociedade de homes «iguais» perante as leis...

O burguês, entretanto, faz questão de não compreender estas cousas. Porque o burguês é sempre um sujeito que não sonha. Um sujeito de idéas positivas. Idéas práticas... Pois tanto peor... não é verdade?... tanto peor... para o burguês! Porque um dia ele será queimado na fogueira dos códigos e das leis que pretendem regular a vida da humanidade. Metafisicamente queimado...

ASTROJILDO PEREIRA.



CONCILIAÇÃO

Dois factores são necessários para poder efectuar-se a revolução social: a consciencia, a plena convicção, científica e racional, de que a sociedade capitalista é um poderoso obstáculo ao progresso e aperfeiçoamento da classe operaria, privando-a gradualmente dos meios de subsistencia, tornando o regime do trabalho cada vez mais penoso, produzindo a desocupação voluntaria ou forçada, obrigando os mais activos e esportos a viverem de expedientes, especulações, explorações, ladrocinhas, etc., produzindo a corrupção, a depravação, a degeneração e o crime; sendo necessario, para pôr fim a este lamentavel estado de cousas, abolir o direito de propriedade, com todos os seus accessorios: o Estado, o Militarismo e a Religião. Este é o factor moral, de importancia capital, do qual jamais se poderá prescindir. Enquanto este factor moral não tiver conquistado completamente a massa; enquanto isto não tiver penetrado no fundo da sua alma, todas as revoluções serão estérteis e todos os movimentos serão explorados pelos opressores e pelos tiranos.

Mas, além desses factos de capital importancia para o triunfo da revolução, é necessario o FACTOR PRÁTICO.

Entendo por factor pratico, a capacidade dos produtores para construir a sociedade nova sobre os escombros da velha sociedade, destruida pelo furacão revolucionario.

Os propagandistas da idéa, ao destruir os preconceitos erroneos da massa e instrui-la sobre as causas dos males sociais, sobre a raiz do mal, e transmitir-lhe a idéa grandiosa da regeneração humana por obra de uma sociedade nova, sem senhores e escravos, mas onde haja irmãos iguais em direitos não lhe ensinam e nem podem ensinar-lhe um meio pratico que lhe seja accessivel para poder reconstruir essa obra grandiosa, colossal.

A humanidade, para chegar a produzir ou a constituir a sociedade burguesa, precisou de centenas de séculos de evolução e dezenas de aprendizagem. Essa *aprendizagem* é o FACTOR PRÁTICO.

A sociedade ideal, do futuro, deverá assentar em livres associações de trabalhadores, por categorias. Dessas futuras associações de produtores deverá resultar a segurança individual e colectiva, de onde resultará a nova ordem social.

Nós sabemos que os trabalhadores nunca estiveram associados e que não tem a menor experiencia de associação. Quem tem experiencia de associação sabe viver associado e sabe associar-se aos outros para atingir um fim estabelecido. Quem não tem essa experiencia é incapaz de viver em sociedade, e sendo incapaz disso não poderá constituir uma sociedade nova.

Dar-se a que, como por encanto, por um milagre espantoso, massas enormes de revoltados que não tem a menor experiencia de associação, adquirissem, após o triunfo dos principios destruidores, a capacidade de associarem-se e criar uma sociedade ideal, completamente nova, para assegurar a victoria da revolução, sem cair num abismo sem fundo?

Mesmo que accreditasse no milagre, jamais poderia crer que se produzisse tão grande.

A massa revolucionaria, sem experiencia de associação, cairia nos antigos erros, voltando ao ponto de partida.

Por isso é necessario que a massa, levada pelos illusorios melhoramentos economicos dentro da sociedade burguesa, se associe, que se sinta solidaria, que aprenda a conhecer-se, a ter, a formar-se uma consciencia de classe, de categoria; é necessario que aprenda a associar-se, a lutar unida e solidaria, até que a associação se torne uma tradição, um costume, um hábito para depois ir aperfeiçoando os sistemas de associação, os métodos de luta, conforme a evolução da sua mentalidade, de modo que, quando a revolução explodir, qual furacão indomavel, percorrendo a terra, a massa revolucionaria terá aptidão para associar-se e assegurar o triunfo da revolução social.

Para realizar-se a revolução social, é indispensavel a propaganda revolucionaria e insurreccional; mas a acção pratica da massa dentro das suas associações de classe e de categoria vem completar a obra, porque ali ela aprende a entender-se entre si, adquirindo aquele hábito associativo, sem o qual a revolução não poderá triunfar.

Muitas vezes têm-se dito que a associação de classe não é um meio revolucionario, porque os operarios, ali, lutam para obter melhoramentos dentro do regime burguês e não para abate-lo. Outras vezes têm-se dito que a simples propaganda revolucionaria, sem a associação de classes não produz nenhum resultado pratico. Eu penso que ambos os casos ha razão muito clara. O erro, o grande erro, está em querer-se prescindir de uma ou de outra propaganda. São dois métodos de acção revolucionaria que se completam um com outro. São ambos necesarios, para realizar a revolução.

Que importa se esta ou aquela sociedade operaria não tem um caracter revolucionario? Uma sociedade operaria pode

ser até reaccionaria; mas irá tornando-se revolucionaria, á medida que a mentalidade dos seus associados fôr transformando-se. E a obra dos anarquistas, longe de ser a de indignar-se por ser esta ou aquela associação assim ou assada, deve ser a de fazer propaganda revolucionaria entre o operariado em geral; porque á medida que a propaganda fôr estendendo-se e ganhando a massa, esta irá transformando progressivamente o caracter das suas associações no sentido dos ideais que lhe fôrem propagados, na medida da própria experiencia, da sua capacidade e inteligencia.

Não é necessario que todos se dediquem á propaganda da associação, assim como não é preciso que façam todos propaganda pura e simplesmente anarquista. Pelo contrario, porque isso seria um erro grave.

Que faça cada um aquilo que se sentir capaz de fazer, aquilo para o que tiver melhor vocação! Ambos trabalhos são necesarios, por isso não deve haver animosidade entre os partidarios deste ou daquele método de luta.

Para que estarem combatendo-se reciprocamente, quando deveriam ser fraternalmente unidos e solidarios na luta para a emancipação humana?

Pois, não queremos todos a mesma cousa? Os nossos trabalhos não se armonizam e se completam para o mesmo fim a que almejamos? Para que discordias? Para que intrigas?

Quando todos os revolucionarios sociais compreenderem que o trabalho do seu irmão, embora diferente do seu, é necessario para o triunfo final, então não haverá mais discordia e a falange revolucionaria, coesa, unida e compacta, marchará valente e destemida, fronte inteligente e altiva, para a conquista dos direitos humanos conspurcados e espezinhados pelos parasitas e tiranos da humanidade, através de centenas e centenas de séculos de escravidão.

A noite dissipa-se. Os raios scintillantes do sol nascente começaram a iluminar benficamente o nosso campo de batalha. Os que se julgaram inimigos olharam-se em suas faces radiantes de beleza. Reconhecêram-se irmãos.

Viva a Conciliação!

Lucas Masculo

Em torno do direito de vida e de morte

O Juri e os jurados

Insisto ainda sobre o gravissimo caso de suspeição: «os homens julgados pelos homens». Si este caso repugna ás inteligencias livres tomado como tema de mera especulação, os sentimentos bem formados não o aceitariam incondicionalmente, e dal caso da eterna revolta do justicado contra o justicador.

Mas nós temos que colocar a questão no terreno dos grandes erros sociais, forrámos-nos de liberalismo, transigir e acomoda-lo em limites abertamente possibilistas.

O juri é uma má, uma detestavel instituição; mas os juizes podem ser bons, humanos e tolerantes ou rétos. E' uma hipotese, hipotese simplesmente possibilista. Quais os elementos de sua probabilidade, porém? Em tese, todos os homens são bons, como são máus.

Os jurados estariam encerrados estreitamente dentro dessas duas teses. A sociedade sabe disso e a lei se fez em torno dessa concepção alternante quando, alargando o círculo de ferro das leis criminaes, delegou para uma justiça pratica a alçada de uma justiça teorica, quando tirou de codigos arbitrariamente divinos a força para delega-la ás consciencias humanas.

A lei não fez mais do que irresponsabilizar o linchamento.

O jurado é o juiz do facto, é o tribunal popular, é a justiça da praça pública. O que tem o linchamento de logico em face do fundamento liberal do juri, tem este de illogico em frente do elevado espirito de justiça. O juiz de facto devia julgar o crime *sur le champ*; mas como isso daria a o linchamento um carácter de ferocidade que todas as leis monopolizaram mas que negam em virtude do ideal moralistico, a mesma lei se deslocou no espaço e no tempo e deferiu para um acto solene a *vindicta* infalivel.

Os juizes de facto exercem sem responsabilidade pessoal e sem outro fundamento que não a consciencia e a paixão, a vingança contra o delicto de que foram testemunhas. Esta é que é a moral da lei que organizou os tribunais populares. Mas é preciso saber si se mantém ao menos no terreno fluctuante da honestidade o criterio organizador dos juizes de facto.

Serão mesmo os jurados os juizes de facto que vão julgar?

Se fossem, o linchamento é que seria o direito vencedor, e si não são, ainda o linchamento estaria apenas odiado, modificado pelo liberalismo moderno, mas nunca revogado.

De facto, porém, os jurados não o são; foi um estratagemma legal, uma mascarada da lei de Lynch, a lei mais socialmente logica que eu conheço.

O jurado passou a ser, não o individuo que testemunhou o delicto, mas o que não o presenciou, isto é: aquele que tem a mesma consciencia da testemunha mas não tem a sua paixão.

E' irrisorio. Primeiro porque a paixão é um caso de consciencia, e tanto esta como aquela, tanto o geral como o particular só se podem despertar com o testemunho psicologico dos nossos sentidos. E depois porque é preciso admitir uma consciencia uniforme e universal que, pelo simples enunciado, é manifestamente impossivel.

Ora, a lei reconheceu isso, e para não a confessar, illudiu a dificuldade. Começou a escolher, correu todas as classes sociais, investigou todos os recantos das consciencias, mirou todos os níveis da inteligencia e da moralidade humanas.

Onde achar o jurado? Quem se prestará a sustentar a mentira do liberalismo e da infalibilidade canonica das leis? Os pobres? Mas estes pelo seu estado de miséria social só poderiam julgar com parcialidade, paixão e espirito de revolta e vingança.

Os ricos? Mas a cases não escapam as questões de humanidade e justiça, como a lei encara, como privilegiados e individuos que a fortuna colocou entre os deuses e os homens.

Os ignorantes? Os sabios? Os menores? Os adultos? As mulheres? Nada disso. Dous criterios então escolheu a lei: a capacidade provavel e o servilismo recompensado. Ou aquele que dispõe de um tanto de rendas, ou aquele que está na domesticidade do poder. Contribuintes do fisco e parasitas do fisco, eis a gente ideal, imparcial, virtuosa, que tem a verdadeira posição média no eterno desequilibrio social.

Por uma consequência absolutamente inevitavel, os jurados do nosso juri são quasi exclusivamente escolhidos entre os empregados publicos, isto é, na classe dos eunucos, dos palafreiros, dos domesticos do poder. Ora, ao funcionario publico falta absolutamente a condição de inteligencia, cultura e liberdade que supõe necessaria a quem se arroga ou a quem se delega a função do justo e do justicador.

Demais, logicamente estão eles afastados da luta pela vida, que é o fundamento animal de todos os actos que a lei qualifica arbitrariamente de delictos; porque são sequestrados pela autoridade parasitaria da actividade humana e ficam submissos a essa mesma autoridade e assalariando-os, impõem-lhes a sua moral, as suas tradições e os seus processos.

E ainda é preciso não esquecer de que o funcionario publico, no melhor sentido em que se o encara, é o proprio poder publico, é o membro desse deus bádico e impossivel que é O Governo.

A concluir:

O jurado não é o juiz do facto; e, como não o é, não pode julgar.

O jurado não é o juiz imparcial; não é independente; não tem consciencia, não tem moralidade; falta-lhe a sciencia, falta-lhe o carácter; não pôde, pois, julgar.

Quando os jurados reunissem as condições do justo, eles seriam os *linchadores* perfectos e executariam legalmente e liberalmente a *vindicta social* assim chamada por Pedro Kropotkin a justiça. E é o que eles fazem; juizes parciais, membros do Governo, do Governo que pune.

Dierre Effe

LUTA SOCIAL

Sindicato Operario de Officios varios

Este sindicato, realizou, na noite do 20 do corrente, ás 7 horas, uma concorridissima assembléa, na qual, além de muitos assuntos do palpitante actualidade para as classes trabalhadoras desta cidade, e dos trabalhos da organização operaria, que proseguem com muita actividade, deliberou fazer-se representar por dois delegados no proximo 2.º Congresso Operario Brasileiro, a realizar-se no proximo mes de julho, no Rio de Janeiro, promovido pela Confederação Operaria Brasileira, com sede naquelle capital.

Tambem ficou deliberado, realizar pelos arrabaldes da cidade, onde reside maior numero de operarios, uma numerosa serie de conferencias sobre o sindicalismo revolucionario, assim como tambem, organizar todas as semanas, palestras na sede social.

Que os camaradas, tratem, pois, de levar a efeito essas iniciativas.

Só assim, agindo, é como se conseguirá preparar consciencias para a propaganda e a luta emancipadora.

Em Santos

Os comicios contra a carestia da vida continuam a realizar-se com óptimos resultados.

Ha poucos dias realizou-se, sem ter-se pedido licença á policia, um grande comicio contra a carestia da vida.

A policia, por sua vez, reconhecendo que reprimir o movimento operario é atear fôgo á pólvora, brilhou pela sua ausencia.

E' mais uma victoria a registrar nos annos da luta do proletariado santista.

A reorganização das classes operarias está se realizando com muita rapidez e entusiasmo, do qual nós participamos.

O desperdicio da energia feminina

(Conferencia inédita)

I.

Dois principios, senhores, regem o Universo: o primeiro é o da conservação da energia, descoberto por Mayer, o segundo é o da queda de potencial térmico como geratriz de movimento, descoberto por Sadi Carnot; generalizado por William Thomson, e cuja consequência última é a lei da degradação da energia.

Não posso entrar aqui, senhores, na apreciação desses principios que revolucionaram toda a sciencia moderna, desvendando aos sabios perspectivas imprevisitas, revolvendo nas locubrações filosóficas toda a cinza tradicional da metafísica, aniquilando o mecanicismo já triunfante.

O mundo é energia. A antiga mecânica distinguia a materia da força e construiu os seus theoremas sobre a evidencia dessa dualidade elemental. A cinemática, a estática, a dinâmica se cingiam á consideração da força em si, do movimento em si, ou das relações entre movimento e força. Nos corpos naturais via-se apenas substancia inerte, afinidade de átomos, coesão de moléculas, estados alotropicos, polimorfismos, transformações ininterruptas de desequilibrios sem perda da mais leve particula, da mais insignificante força.

A teoria fascinava. Os trabalhos de Mayer jazeram longo tempo desprezados e o principio de Carnot passou despercebido.

Só depois que William Thomson revelou ao mundo o alcance da concepção segundo a qual nenhum trabalho mecânico se obtém da energia calorífica sem queda da temperatura; só depois que ele generalizou a teoria, mostrando que uma energia de tipo inferior não pode gerar outra de tipo superior sem desperdicio, sem degradação: só depois desse aviso os sabios se abalaram a examinar, ponto por ponto, a generalidade absoluta desse principio.

Verificou-se então que o mundo inorgânico e orgânico estão sujeitos á fatalidade dessa perda continua de energia superior; que, embora a energia cósmica se conserve intacta quanto á quantidade, depercece, irrefreavelmente, quanto á qualidade.

Ha, realmente, em todo o Universo conhecido, uma *tendência irreprimivel* para a transformação das energias mecânica, cinética, elástica, luminosa, eléctrica, química em energia térmica, sendo absolutamente impossivel, com a energia calorífica resultante de uma operação física volver ás condições energéticas iniciais. Enquanto que uma quantidade *A* de electricidade, capaz de transformar-se numa quantidade equivalente de energia mecânica pode ser reintegrada por esta quantidade, com insignificante deterioração, devida a atritos, o calor que essa electricidade *A* despendesse numa centelha não poderia, de modo algum, reconstituir a primitiva energia eléctrica.

Ora, reconhecido que todas as energias de qualidade superior tendem ao termo final da energia calorífica, forçoso é concluir que a orientação do Universo é para o equilibrio improductivo.

O mundo morrerá de uma estagnação térmica. Isso, senhores, si a hipotese de Raukine, aliás improvavel, si não realizar. Raukine ideou, com efeito, uma reconstituição possivel da energia total por uma concentração das irradiações caloríficas em certos pontos do espaço etéreo finito.

Teríamos, si assim fosse, a explicação da eternidade da materia. O universo seria uma recapitulação milenar de ciclos da Energia, ou, no dizer de Mouret, o infinito de um ritmo de longo periodo.

Tal qual o vemos e estudamos ele é um desequilibrio perpetuo com passagem de energias de tipo superior em energias de tipo inferior.

Que é pois um sol, na imensidade? Um agregado de energias instaveis. Que é uma arvore no campo? Um agregado de energias instaveis. Que é um homem na sociedade? Outro agregado de energias instaveis.

Essa instabilidade se mantém nele pela metamorfose de energias químicas assimiladas ao agregado em energias caloríficas ou mecánicas eliminadas dele.

Essa metamorfose especial, feita em sentido contrario ao do vegetal onde a custa do calor solar se refundem energias químicas de reserva, essa metamorfose é a vida.

A vida é pois a manutenção de um *quantum* energetico num organismo definido.

Para que esse *quantum* se mantenha dentro dos limites prefixados pela filogenia é preciso que o organismo se aproprie de energias químicas disponiveis, absorva-as, assimile-as e regeite os excretos de energias degradadas.

O animal-homem tem, por isso, de mover á sua subsistencia, isto, é procu-

rar alimentos e conservar no meio ambiente as condições exigidas pela sua conformação fisiologica.

Ora, nessa procura, o individuo encontra energias universais dispersas, apropriaveis ou não, agregados vitais da Terra, séres da sua especie. Nos seu ponto de vista de ser vivo ele divide as energias circunvolventes em dois grandes grupos: a) energias que lhe são favoráveis á vida; b) energias que lhe são desfavoráveis.

Chama-se *trabalho*, em economia politica, o *quantum* de energias orgánicas dispensadas pelo individuo para apoderar-se de energias favoráveis ou neutralizar energias desfavoráveis.

Chama-se *lucro* o saldo de energias favoráveis na conta corrente do trabalho. Esse saldo é o que sustenta a vida do homem, é o que lhe permite satisfazer mais ou menos bem as suas necessidades.

A vida portanto, é uma serie logica cujos termos são: necessidade, energias concorrentes e opoentes, trabalho, satisfação da necessidade.

Toda a logica vital assenta, evidentemente, no trabalho.

Mas, para que a correlação dos termos se perpetue do melhor modo é indispensavel que o trabalho, isto é, o *lotum* de energias orgánicas dispendidas produza sempre um rendimento máximo.

Si o trabalho não consegue um saldo é trabalho improductivo, é desperdicio de energia. Esse desperdicio, aliás, se dá si um quantum de energia capaz de render cem, apenas rende dez, embora com saldo.

A Energética vem assim iluminar e simplificar a sociologia. Aplicando-a a todos os problemas da sociologia e da moral penso ter realizado o voto de Ostwald quando propõe aos sociologos a introdução dela no estudo dos fenomenos de sua especialidade.

Proporho-me, senhores e senhoras, examinar á luz desses principios, o papel da mulher na apropriação das energias favoráveis á especie, isto é a acção da mulher no trabalho humano.

Quero fazer convosco o balanço do quanto concorre ela para o saldo e do quanto desperdicia; verificar si a sociedade actual lhe fornece os meios de desenvolver a sua capacidade transformadora de energias ou si, ao contrario, lhe tolhe a expansão do ser, lhe comprime a actividade pessoal.

José Oiticica

DO RIO

Justas palavras

Como de costume, ao sair de casa, ontem pela manhã, comprei «A Epoca» com o intuito de procurar alguma cousa que me interessasse.

Ao abrir a folha, chamou-me a atenção um artigo publicado, na «Coluna Operaria» sob a epigrafe «Primeiras Linhas», especialmente por trazer a assinatura de uma mulher; e isto porque o elemento feminino, infelizmente, pouco contribue neste vasto pais, na luta pela reivindicação das classes productoras.

Reconhecendo, pois, naquelas linhas a expressão positiva da verdade, é com franca sinceridade que, desde estas colunas, envio aquella companheira os meus protestos de solidariedade, certo de que nunca se arredará da luta, enquanto se tratar de desmascarar estes hipócritas que, fantasiados, se intitulam os directores do movimento operario do Rio de Janeiro, tendo á testa o «marechal» elevado por alguém ao gráo de «pai dos operarios».

Dirijo-me agora aos operarios orientados pela politica. Quero pedir-lhes que não se iludam com os politicos, porque, como se observa, o politico, sendo partidario do productor, deve forçosamente entrar em desacôrdo com o patrão e, por tanto, não se conformando com isso, porque seria aventado do posto, dos «cem por dia». Eis porque, antes de lá entrar, por meio da sua eloquência enganadôra — de tôlos, bem entendido — ele consegue, com o apoio daquelle (do productor), subir ao poder, e juntando-se aos demais, constitue a corrente de opressão e de infamia que nos domina.

Somente quando todos os operarios chegarem ao conhecimento das doutrinas modernas, encontrarão fatalmente o caminho seguro para a conquista dos seus direitos, derrubando então esta corja que nada produz e tudo consome.

Para terminar, reproduzo as últimas palavras da companheira Elvira Fernandes:

«Os que vivem na opulencia, no brilho dos seus salões, rodeados de todas as grandezas, que representam o muito que falta nos nossos lares, não sabem que essa grandeza e esse luxo representam o nosso infortunio, as nossas dôres, e as nossas lágrimas.»

Que os trabalhadores, se compenemrem destas verdades e se orientem por outro caminho.

São os meus sinceros votos.

AMILCARE BONI.

Rio, 14-5-1913.

La Barricata

PERIODICO ANARCHICO

Stirpe fecondatrice

Una delle principali caratteristiche della dominazione borghese è l'odio ai lavoratori.

Le stirpi più utili, fecondatrici di vere ricchezze, sono state sempre odiate e disprezzate.

Gli italiani sono stati battezzati i cinesi d'Europa, perchè, nella loro generalità, rappresentano una stirpe fecondatrice di ricchezze.

Il proletariato d'Italia ha dato al mondo gli artieri de' più grandi lavori: i muscoli italiani hanno aperte le vie più ampie, più vaste della civiltà.

La stirpe italiana è una stirpe fecondatrice. Non ha vi regione nel mondo dove il sudore dei suoi figli non abbia fecondato ricchezze, non abbia dischiusa una via alla civiltà.

La stirpe italiana è odiata da per tutto perchè in ogni dove ha sudato, ha fecondato ricchezze e abbellita la terra.

I parassiti, i trafficanti, i delinquenti della banca e dello sfruttamento diretto dell'uomo sull'uomo, non possono far a meno di disprezzare gli artieri delle loro ricchezze, perchè sottrattisi al lavoro utile in virtù di un iniquo privilegio di censo, non possono giustificare la loro condizione sociale delittuosa, che invertendo tutti i valori morali della vita, per poter stabilire una falsa dottrina che dia valore morale e giuridico al parassitismo dominante, e che avvili, nel più basso disprezzo, la classe — ridotta in miseria e oppressa — fecondatrice della ricchezza.

Io non sono nazionalista, anzi disprezzo tutti quei baldi araldi, millantatori quanto vili, che cercano di accendere in un popolo dei sentimenti di odio e di avversione contro un altro popolo.

L'Italia — come qualsiasi altra nazione — io la giudico per quello che è — nella sua realtà. Essa è il paese dei ministri ladri e sanguinari, dei re crapuloni e satiri come Vittorio Emanuele II, sanguinari e giudaici come Umberto I, numismatici e fucilatori come Vittorio Emanuele III; dei pezzenti e degli analfabeti; ma è anche la terra di una gente laboriosa, di una gente che, colla sua sacra fatica, ha beneficato la universa terra.

Sulla terra non è stato compiuta un'opera immane nella quale la stirpe italiana non abbia dato lo sforzo fecondatore dei suoi muscoli e della sua intelligenza.

La caratteristica principale del proletariato italiano è la sua insuperabile maestria nel creare le opere necessarie alla vita, indispensabili alla civiltà.

I plebei d'Italia — presi nella loro generalità — compiono in tutte le parti del mondo un'opera gigantesca di civiltà.

Gli italiani sono morti a migliaia di colera nei lavori di steramento dell'ismo di Suez; le maggiori gallerie che danno libe-

ro passo al treno, in Europa e nelle Americhe, sono lavoro quasi esclusivo degli operai italiani. Nel mondo non c'è miniera di ferro, di carbone, di metalli, sorgenti di oli minerali dove il sudore e il sangue dei lavoratori italiani non abbia lasciato il suo incancellabile stinca.

Nelle Americhe hanno centuplicate le ricchezze delle *factories*, delle *estancias*, delle *fazendas*.

Nelle repubbliche Sud-americane non c'è zolla di terra, pietra su pietra che non odori di sudore italiano. Non c'è macchina nelle officine che non abbia avuto il suo bagno di sudore o di sangue italiano, non c'è telaio nelle fabbriche che non abbia sfiorito, nell'opera di creazione della ricchezza, la giovinezza di una fanciulla italiana.

La stirpe italiana è una stirpe essenzialmente lavoratrice.

Per ciò, e non per altro, la stirpe italiana è disprezzata e vilipesa dai parassiti di tutto il mondo, e fra i quali si distinguono gli stessi parassiti d'Italia.

Queste riflessioni mi turbavano nella mente lunedì nel pomeriggio mentre i coloni, cacciati dalle terre da essi fecondate, in nome della grandezza brasiliana, da un tedesco arricchito sfruttando a sangue gli italiani, scendevano dal treno, laceri, poveri, sfiniti, lanciando un lungo sguardo dolce e rassegnato sulle poche persone che assistevano al loro arrivo.

Eppure quella turba di paria, cacciata via come una banda di briganti, in nome di non so quanti sacrosanti principii, aveva lavorato per anni ed anni senza un giorno di tregua, creando la ricchezza per gli altri, per i parassiti prediletti della repubblica, senza nemmeno ottenere in ricompensa un buon pane ed un po' di rispetto.

E dopo tutto ciò — per avere incrociate rassegnatamente le braccia coll'intento di poter dare tutti i giorni una fetta di polenta ai propri figli — vedere questa turba di genti benefiche, abbandonata dai propri fratelli, negletta dai propri connazionali, e raccolta, affamata e povera, dalla patria carità, rappresentata da sua eccellenza il console generale del re d'Italia, che pagherà — coi denari del proletariato italiano — loro la zuppa per pochi giorni ed il passaggio di rimpatrio.

Tutti questi paria erano dei proletari ma non c'erano i loro fratelli per riceverli e stendergli la mano in segno di solidarietà per le lotte dell'avvenire, in segno di protesta contro il parassitismo dominante che scaccia via gli artieri della ricchezza dopo averli spolpati fino al midollo.

Tutti questi paria erano italiani, ma i nazionalisti italiani a riceverli non c'erano: la missione di questi arlecchini e di batter le mani ai miseri che mandano al

macello, a far da eroi per conto di tutti i vigliacchi che vogliono la guerra appunto perchè in guerra essi non vanno, ma vi mandano il prossimo a uccidere ed a morire.

A ricevere questi paria della grande Italia alla stazione non c'era Giovannetti, non c'erano nè Poci nè Rotellini: essi vanno soltanto a ricevere i lestofanti che vengono a vendere al governo brasiliano le loro chiacchiere, e qualche volta a vendere la pelle dei loro connazionali.

Alla stazione c'erano pochi illusi — quei soliti illusi che in tutte le ore di pericolo si trovano sempre al lato dei deboli — ad aspettare i coloni: quei soliti illusi che non hanno mai gridato la loro italianità nei giorni di baldoria, ma che però in tutte le lotte in difesa dei paria della gleba e dell'officina hanno preso liberamente il loro posto di combattimento, insensibili alle ingiurie dei paladini della forza, incuranti dell'odio dei tagliaborse internazionali che spolpano la classe lavoratrice con la licenza e la protezione della repubblica.

E ad aspettare i coloni c'era anche il console d'Italia e l'ispettore d'emigrazione.

Ma questa volta il console era solo, abbandonato, sfuggito dai cavalieri e dai commendatori come un lebbroso.

Neppure quel buffone impareggiabile che presiede la «Dante Alighieri» c'era ad aspettare questa «nostra gente». E perchè nessuno di costoro c'era per ricevere i «nostri fratelli italiani» non è difficile spiegarlo: tutti questi «italiani», prima di tutto, sono dei padroni, dei ripugnanti sfruttatori d'uomini, di donne e di bambini, e vollero lasciare il console solo, perchè al disopra dell'Italia, del patriottismo, sentono di essere degli sfruttatori, pronti a trattare i loro connazionali nello stesso modo che i fazendeiros trattano i coloni.

Artieri immensi — figli di una forte stirpe fecondatrice — quando vi accorgete che con i muscoli non si creano soltanto le ricchezze, ma si spezzano anche le catene della schiavitù?

Acratibis.

Dopo la sconfitta... della giustizia

Com'era da prevedere lo sciopero dei coloni è stato vinto dalla resistenza dei «fazendeiros».

Ritornano i miseri paria al lavoro duro e snervante della raccolta del caffè portando impreso sulla fronte le stimmate dolorose di una lotta terribile, poichè quello che i fazendeiros non potevano vincere con la ragione hanno bensì vinto riducendo il colono al punto estremo: la fame.

I giornali locali pagati a un tanto per riga dai negrieri, gridano osanna e tessono elogi a delegati e poliziotti che in questa dolorosa circostanza hanno dato

prova di saper fare una cosa sola: soffocare la giustizia.

Come ho detto, ritornano i vinti al lavoro, senza avere ottenuto un soldo di più di quello che guadagnavano prima dello sciopero, ma però in assai più tristi condizioni; poichè i fazendeiros per incatenare più il colono alla fazenda e scongiurare ogni e qualsiasi pericolo di sciopero, adoperano un altro modo per fare i loro pagamenti (badate che questo non è menzogna ma genuina verità) In una fazenda situata in questo Municipio di proprietà del sig. Manuel Ferraz la settimana passata venne effettuato il pagamento. Ebbene di tutto quello che i coloni dovevano ricevere, come è pattuito, nemmeno un terzo ricevettero; perchè a tutti venne ritenuto il 20 per cento sul denaro da ricevere per ogni trimestre. «E' questa, dice il fazendeiro, la garanzia del contratto». Oltre a ciò ad ogni colono venne trattenuta una somma per pagare le spese annuali, come caffè, staccio e lenzuola per la raccolta che sempre vennero liquidate alla fine d'anno, cioè nel pagamento generale. Come si vede i fazendeiros sanno ben fare i loro interessi e strozzare così ogni qualsiasi movimento di rivendicazione lavoratrice.

Vincere colla fame il colono: ecco la loro divisa, in tempi di schiavitù si adoperava la frusta, il tronco e altre sevizie corporali, oggi invece si fanno addirittura morire di fame i paria.

E' venga poi il «Patronato Agricolo» a dirci che esso è stato costituito per garantire il contratto dei coloni. No perdio! Ed il fatto è così evidente che non necessitano commenti. Mi sa dire per esempio, il tanto decantato Patronato, come ha definito l'affare del colono Carnisella, che ingiustamente scacciato dalla fazenda oltre non essere pagato gli vennero sequestrati tutti i cereali che teneva nelle piantagioni di caffè? Risponda il Patronato su questo fatto, dia le necessarie spiegazioni che si è guardato bene di non darle mai; e poi si neghi quanto sosteniamo: che il Patronato Agricolo ha fatto sempre l'interesse dei «fazendeiros» ma mai quello dei coloni.

Ma dopo tutto quello che è avvenuto, dopo tanta agitazione da parte dei coloni, il vero e proprio responsabile del vinto sciopero è stato il proletariato tutto di Ribeirão Preto. Nessun atto di solidarietà si è avuto da parte di questi; si vede che la legge Gordo ha annichilito nei cuori ogni sentimento di solidarietà. Eppure era questo il momento opportuno per dimostrare alle classi dirigenti, ai negrieri della fazendas, che il proletariato della città era solidale con quello del campo. Si doveva in atto di virile protesta disertare il lavoro e non ritornarci fintanto che i fazendeiros non avessero piegato in favore dei coloni, era questo il più bell'atto di solidarietà per rintuzzare in gola di tutti gli scribacchini annidati nelle redazioni dell'«A Cidade» e «Dia-

rio da Manhã tutte le villanie e le ingiurie che giornalmente hanno pubblicato.

Ma però qualcosa ha fatto la «Lega operaia»: Esultate! incalzata giornalmente dalle proteste dei coloni, si decise alfine di riunirsi, ma il risultato di tale riunione fu di andare a chiedere aiuto a questo Vice-Console, e la risposta che il medesimo dette alla Commissione serva di lezione a tutti gli italiani che domandano protezione ai consolati, la risposta fu questa: «Che volete che ci faccia. Noi non abbiamo nessuna autorità, siamo in casa d'altri la ragione e contro di voi perchè non volete adempire ciò che avete pattuito nel contratto». E con questa risposta se ne tornò la Commissione. No: signori della Lega, l'emancipazione dei lavoratori deve essere opera dei lavoratori stessi, è la solidarietà, è la resistenza, che si deve usare per vincere le nostre ragioni. I Consolati le autorità, i patronati non sono altro che palliativi che niente servono alla nostra causa, la giustizia non esiste per il lavoratore, essa è un mito; il medico quando s'avvede che nessun farmaco serve per sanare una piaga, ricorre all'opera del bisturi e noi che lo sappiamo che tutto è per noi menzogna e ingiustizia, adoperiamo ancora noi il mezzo più efficace e sicuro che nel mentre distrugge edifica su sicure basi tutto l'edificio sociale.

UNO CHE SA.

Rib. Preto 17 Maggio 1913.

Dissoluzione politica

L'indifferenza, in politica, è per i popoli, il principio della saggezza.

Tuttavia, come la condizione essenziale per vivere è di credere alla propria esistenza, l'assenza di questa fede constatata in una società è nello stesso tempo il sintomo meno equivoco d'una consunzione irrimediabile della detta società. Ci ricordiamo una parola usata continuamente negli ultimi anni dell'impero, quella di «liquidazione sociale». Era una espressione, come ve ne son troppe nel socialismo, che hanno tanto più corso quanto sono meno ben definite.

La parola, lanciata dai parlatori di riunioni pubbliche, era diventata popolare, così come tante altre che si accettano nel gran villaggio parigino, senza darsi il tempo di comprenderle e che sono nondimeno fatidiche. Ma la liquidazione sociale non è una cosa facile, quanto la vedeva allora nella sua percezione semplicistica l'immaginazione popolare, che non bada tanto pel sottile.

Non si liquida una società in ventiquattro ore, con dei decreti che portano, come colpirebbero con colpi di piccone, onesti demolitori usi a non veder più lontano della punta del loro naso. Il popolo ha avuto, quindi, l'occasione di liquidare ciò che avrebbe voluto. La sorte, quasi si proponesse di fare un'esperienza mefistofelica, avendo messo il potere nelle sue mani e l'arca santa della Finanza a sua discrezione, una parola, un atto gli avrebbero bastato per determinare il crollo. Nulla di simile si è visto. Il santuario di Mammona è rimasto inviolato; non si è toccato alla Banca.

Le cose non vanno così in fretta. Il Destino ha il suo metodo. Non siamo ancora giunti alla liquidazione sociale propriamente detta; l'ora dello scioglimento non è venuta. Ma noi ne siamo evidentemente al prologo, la dissoluzione politica. Perché bisogna ben rendersi conto che dopo il colossale sconvolgimento del 1870-71, il credito politico (malgrado tutto quanto si tenterà di fare) è abbattuto e non potrà più rilevarsi.

Tutti i fatti politici sopravvenuti da allora in poi ne sono la continua testimonianza. Che si chiamino con l'uno o l'altro nome nell'avvenire, il nome è perfettamente indifferente; l'etichetta dei governi non cambierà nulla al fondo della situazione negativa che è loro fatalmente creata.

Le illusioni dei semplici che vorranno ancora sperare, per abitudine, nell'avvento di questo o quel regime saranno invariabilmente fallaci. Liquidatori dell'ordine politico borghese, sotto tutte le forme che la sua dissoluzione comporta, tutti i poteri che possono ora succedersi non saranno che sindacati di fallimento.

Ecco come il socialismo avrebbe bel giuoco, più bello che non l'ebbe mai, se gli fosse concesso di parlare; ma si comprende pure perché la società ufficiale, oggi che si è ben reso conto, senza il menomo dubbio, che la sua base è in polvere, vi faccia ostacolo ancor più che nel passato. E provato che, da Socrate e Cristo sino ai nostri giorni, questo soffocamento ad alta pressione fu tutto l'alba e l'omega del procedimento conservatore; ma l'efficacia del sistema, annegata nel cataclisma che ha tutto annegato, è essa pure giudicata al pari del resto. Decisamente, il contrabbando che si arresta il meno è quello delle idee. Essere travolti dalla violenza del torrente che finisce per rompere la sua diga o coperti insensibilmente dall'inondazione che sale è pressapoco equivalente come risultato, e non rimane che questa alternativa.

E. LEVERDAYS

Verso l'anarchia

Ammissa l'assenza assoluta di qualsiasi governo, in qual modo verrà organizzata la società in comunismo anarchico?

«Se pretendessimo dare una soluzione ufficiale a tutti i problemi che si presenteranno nella vita della società futura, dice il Malatesta, noi intenderemmo l'abolizione del governo, in un senso strano davvero. Noi ci dichiareremmo governo e prescrivemmo a mo' dei legislatori religiosi, un codice universale per i futuri.

Abolite sorgenti principali dei presenti malanni, quali sono la proprietà individuale e il governo, qual mente sarebbe capace di predire le necessità che si imporranno alla comunità avvenire liberamente organizzata?

Noi dobbiamo dunque limitarci a dare degli esempi, a presentare delle soluzioni transitorie, le quali possono variare all'infinito. Valga un esempio.

Abolita ogni sorta di governi, proclamata la proprietà comune, in comunismo anarchico, ogni comune, ogni gruppo penserebbe alla propria amministrazione, al proprio governo; ogni comune, ogni gruppo sarebbe cioè *autonomo, indipendente*; farebbe da sé. Per produrre, i cittadini dei diversi comuni, dei diversi gruppi, si associerebbero liberamente in squadre divise per arti e mestieri, come oggi abbiamo un esempio nelle società cooperative di lavoro.

Negli stessi comuni, apposite associazioni provvederebbero all'amministrazione dei magazzini alimentari, delle scuole... Ma, si noti bene, anche nei comuni anarchici dovrebbe assolutamente essere abolita ogni autorità, ogni codice, ogni tribunale (1) non essendo strettamente necessario un potere autoritario, una legge scritta per garantire la società contro i pochi che in comunismo anarchico avessero predisposizione al delitto.

I cercatori d'oro nelle miniere dell'America Occidentale e dell'Australia, dice Max Nordau, incaricarsi essi stessi della loro protezione formando dei cosiddetti «comitati di vigilanza» e senza alcuna pompa autoritaria, regnò fra essi ordine perfetto.

Abbiamo detto che in collettivismo il lavoro fatto in comune verrebbe stimolato, e, quindi, mediante i buoni di lavoro, distribuito ad ogni individuo a seconda del lavoro fatto, ecc.

In comunismo anarchico il prodotto del lavoro collettivo, verrà dichiarato proprietà comune insieme alla terra, le case e gli strumenti di lavoro, e quindi più nessuna estimazione del prodotto del lavoro, più nessuna spartizione, nel modo indicato dalle formule collettiviste, più nessun valore di scambio.

Un valore di scambio, si chiami desso lira od ora di lavoro, è sempre una moneta, e sino a che esisterà la moneta, esisterà l'incentivo brutale all'egoismo,

(1) L'abolizione completa, immediata, senza transizione né sostituzione alcuna delle corti e tribunali, è una delle prime necessità della rivoluzione.

La soppressione delle autorità non può soffrire indugio. Dal punto di vista dei principi, la giustizia costituita non è che una formula di dispotismo, per conseguenza una negazione della libertà del diritto. Là dove voi lasciate sussistere una giurisdizione, là voi avete innalzato un monumento di controrivoluzione, dal quale sorgerà tosto o tardi un'autorità politica e religiosa. (Proudhon, «Idea generale della Rivoluzione».)

cancrena orribile che da tanti secoli corrode il cuore dell'uomo.

Abolita completamente ogni estimazione del lavoro, ogni valore di scambio, ogni parvenza di moneta proclamata la federazione e solidarietà fra i comuni anarchici, in quel modo verrà regolata la consumazione del prodotto del lavoro dichiarato proprietà comune? in qual modo praticerassi lo scambio? In anarchia, disse il Proudhon, alla centralizzazione politica, noi sostituiamo la centralizzazione economica. (1)

(1) Ecco come il Proudhon riassume la sua idea:

«Essi i socialisti legalitari faranno il governo più repubblicano, più benigno, liberale, egualitario, che sarà possibile, prenderanno contro di lui tutte le garanzie, l'umiliarono davanti alla maestà dei cittadini fino all'offesa. Essi ci diranno: Sarete voi il governo! Vi governerete da voi stessi, senza rappresentanti senza delegati, Di che potrete lamentarvi allora?

«Ma vivere senza governo: abolire senza riserva, in modo assoluto ogni autorità, fare dell'anarchia pura, ciò sembra loro inconcepibile, ridicolo. Eh, che mettono posto del governo — gridano — quelli che parlano di sopprimerlo?

«Non siamo punto imbarazzati a rispondere.

«Ciò che noi mettiamo al posto del governo, è l'organizzazione industriale. Ciò che mettiamo al posto delle leggi, sono i contratti. «Niente leggi votate né a maggioranza né ad unanimità, ogni cittadino, ogni comune o corporazione fa la sua.

«Ciò che noi mettiamo al posto dei poteri pubblici sono le forze economiche. Ciò che mettiamo al posto delle antiche classi di cittadini, nobiltà e plebe, borghesia e proletariato, sono le categorie e specialità di funzioni: agricoltura, industria e commercio, ecc.

«Ciò che mettiamo al posto della forza pubblica, è la forza collettiva.

«Ciò che mettiamo al posto degli eserciti permanenti sono le compagnie industriali. Ciò che mettiamo al posto della polizia, è l'identità degli interessi. Ciò che mettiamo al posto della centralizzazione politica è la centralizzazione economica».

ANARCHICI

Quando un individuo dice: «Io sono anarchico, non credo alla bontà delle riforme, all'efficacia delle lotte politiche, credo soltanto alla necessità della rivoluzione» ed attende che la rivoluzione scenda dal cielo, che *qualcuno* la faccia, che le barricate per le vie sorgano per incanto, che le fucilate le sparino i santi del paradiso — questo è un anarchico relativo, un incoerente, un individuo che non ha compreso nulla, che non ha fede, uno stolto, un imbecille, un anarchico a parole, un ciarlatano, un confusionista, un rompicatole.

Quando un individuo, senza far tanto il *Rabagas*, fuma un sigaro meno, beve un bicchier di meno di vino o di birra, e con quel poco che economizza compra un buon fucile con delle eloquenti cartucce, esercitandosi a mirare giusto, ed a combinare i reagenti necessari alla composizione della nitro glicerina, per vedere che effetti producano all'occasione — questi è un anarchico assoluto, positivo, pratico, un anarchico completo, tutto d'un pezzo, coerente a se stesso ed alle proprie idee.

Disgraziatamente, questo secondo tipo è più raro; il primo è comune, lo si incontra dovunque ed è il più in evidenza. Per un fenomeno spiegabilissimo si rende irreperibile nelle occasioni cimentose, non si trova in nessun angolo, neppure colla lanterna di Diogene. A sentirlo parlare, è tutto lui; ha sempre la rivoluzione in tasca e una dozzina di preti sotto le mascelle; l'intrepidezza d'Alessandro il Grande era un non nulla di fronte alla sua! La presenza di un poliziotto basta però a fargli venire il sudorino freddo su tutta l'epidermide del corpo.

Questa specie di anarchici (anarchici secondo loro) sarebbe meglio si levassero di tra i piedi e andassero a metter delle schede nelle urne elettorali, giacché, in realtà sono, più che altro, d'incanto.

Certo, con ciò negare in essi quella parte di anarchismo che io chiamerei puramente *spirituale*; ma a che vale, per esempio, credere e predicare la bontà, l'indispensabilità di quella cosa, se non ci procuriamo il mezzo o i mezzi per conquistarla? A che varrebbe gridare che per passare un fiume è necessario un ponte o una barca, se non si costruisce né l'uno né l'altra? Ma bisogna essere provvidenzialisti, ma bisogna essere mancanti di convinzioni, per credere che la rivoluzione, intesa nel concetto catastrofista, pensi a farla il caso!

Non dico mica che la rivoluzione si organizza per un dato giorno e che bisogna *prepararla*; so bene che un'infinità di fattori, di circostanze soltanto possono determinarla. Ma dico che bisogna *prepararsi*, approntarsi, procurarsi il necessario per potere agire nel momento propizio, quando si presenti, e non lasciarsi sfuggire l'occasione.

Queste considerazioni emergono soprattutto dalla constatazione di fatti, ed io credo che abbiano molta più importanza di quella che loro si può attribuire, si da meritare seria riflessione da parte degli anarchici sinceri e convinti.

GIUSEPPE CIANCABILLA.

Hanno ragione loro!

Il governo dei fazendeiros, il governo cioè che sa fare soltanto gli interessi dei fazendeiros, e di tutte le specie di sfruttatori, ha fatto pubblicare dai giornali una giustificazione lagrimosa quanto maligna, sul suo operato nello sciopero dei coloni della zona di Ribeirão Preto.

Il dott. Sampaio Vidal, attuale ministro di giustizia e capo di polizia dello Stato di San Paolo, è anche uno dei più allegri Licurghi che abbiano mai perso il loro tempo sui codici e sulle pandette. Infatti, fra le tante cose da lui poderosamente pontate, prima di essere uomo di governo, aveva anche fatto creare un certo Patronato Agricolo per la protezione dei coloni. Ma siccome il tempo passa, e passando la cambiare anche le posizioni degli uomini, il legislatore diventato, per un caso della sorte, primo poliziotto del suo Stato, si è trovato di faccia alla sua creatura: il Patronato Agricolo... per la protezione dei coloni, in un momento in cui i fazendeiros che capo poliziotto l'hanno fatto, si trovavano in conflitto coi loro coloni, stanchi e affamati, che reclamavano una libra più di polenta per loro figli.

Il poliziotto si perse tutt'altro che di coraggio stabilendo questo principio: è vero che una cosa a volte si crea per servire a questo, ma è ancora più vero che quando è stata creata la si può far servire a quello. Il problema era risolto: il Patronato, creato per proteggere i coloni, lo si fece servire per proteggere i fazendeiros.

Naturalmente i coloni trovarono che il poliziotto Sampaio Vidal era il più allegro degli uomini per i fazendeiros, ma era anche il più funebre dei lestofanti per i coloni.

Il *Correio Paulistano*, organo ufficiale del governo, ha stampato che la giustizia e la ragione erano coi fazendeiros, la mancanza di fede ed il torto coi coloni, ma tutti sanno che quel che dice questo giornale puzza troppo di sagrestia e di caverna di ladroni.

Il torto dei coloni è senza dubbio questo: dopo anni ed anni di fatiche e di stenti, laceri, denutriti, idiotizzati, malati di pellagra e di tracoma han dovuto chiedere al console d'Italia il rimpatrio gratuito.

I fazendeiros — onesti, leali, generosi — negli ultimi due anni hanno intascato un beneficio netto, sulla vendita del caffè, superiore al valore effettivo dei loro feudi.

ACRATIBIS.

Riceviamo e per debito d'imparzialità pubblichiamo:

Cari compagni

Barrinha 18-5-913

Nonostante abbia pensato bene per cogliere il significato della risposta a me diretta per *piccola posta* sul n. 7 del *Germinal*, confesso che non ho capito un'acca. Tanto nell'articolo primo, come nell'ultimo, in cui mi difendo da accuse ingiuste, io non accenno a nulla che sia personale, mentre nell'accusa insultante mandata, v'è tutto di personale e di odioso.

Non voglio ammettere, neppure per ischerzo, che voi abbiate certe parzialità, incompatibili, e in questo caso assurde, dato lo spirito del vostro giornale; io sono anarchico ed all'idea ho dato, senza riflettere, tutto, comprese certe aspirazioni realizzabili di agiatezza, la quiete e il mio lavoro giornaliero di maestro di scuola, ben deciso a continuare la medesima strada anche se mi ci trovassi solo.

Ma badate; considerate la mia posizione e vedrete che non è né giusto né onesto il negarmi una soddisfazione. Io non ho nascosto le mie parole sotto veli arcani, ho accennato a certi mali che occorre evitare, e tutto ciò senza nominare persona.

Non ho colpa io se scagliando le mie critiche addosso a commercianti, fazendeiros e vagabondi, individui che son del mio ideale si trovano precisamente nelle condizioni da me accennate.

Potrà essere benissimo che a taluni di questi individui, sembrò un'enormità lo affermare com'io affermo che l'individuo coerente e convinto della propria idea non commette *crisi* che egli a parole combatte, ma questi tali occorre si convincano poi poi che non son cose affermate ora, non sono novità, diamine! Novità sarebbe che uno sfruttatore fosse fratello dello sfruttato o che un'individuo combattente la religione e ogni dogma facesse battezzare i propri figli... coerentemente.

Però ora, se privatamente v'ho esposte le mie ingenuità considerazioni, pubblicamente io sono stato accusato. Avversato dai fazendeiros — osservato di mal'occhio dal delegato — denigrato nella mia opera d'insegnante razionalista dai bigotti patrioti — anche voi ora abbandonate e fate sì che l'antica fiducia acquistata tra l'ambiente lavoratore si cambi in sospetto ed in ira.

Credevo di non meritarmelo — giacché — e qui mi si conosce — da 6 anni fondatai scuole razionali — propagai l'idea, teci conferenze, incitai allo sciopero, ciò che mi costò inimicizie, rancori, un processo e la semi-miseria.

Oggi voi pure mi negate il diritto di dimendermi.

Grazie!

Gustavo Marolla.

Un altro macello

In Cirenaica continuano i macelli umani. In Sidi-Garba le truppe italiane sorprese da una colonna di arabi, sostenute da cinque pezzi d'artiglieria, hanno subito delle ingenti perdite.

La strage dev'essere stata grande, forse la più grande, ora che la pace è stata firmata, di tutta la campagna. L'*Agenzia Stefani*, manda (previo lugroso compenso) in tutto il mondo la giustificazione del governo del re d'Italia, ma malgrado gli inni entusiastici stereotipati al valore insuperabile dei soldati italiani, si legge in tali comunicazioni tutta la desolazione di un grandissimo ed irrimediabile disastro.

Infatti: quando mai s'è visto un governo destituire un generale che ha condotto i suoi soldati alla vittoria. Del resto poi la gravità di questa battaglia non è nemmeno negata dalla stampa ufficiale. La vittoria è stata grande; il nemico è stato distrutto; però per festeggiare questa vittoria della scienza strategica dei vecchi rimbambiti, idioti e creduli, generali italiani, uno di questi grandi generali è stato destituito per incapacità, per aver cioè fatto cogliere (non se stesso ma gli altri) il suo esercito di sorpresa, e fatti per ciò cadere sotto i colpi certi degli arabi delle centinaia di soldati italiani, forse delle migliaia. Un altro generale, — il governatore della Tripolitania — è stato costretto a dimettersi.

Nel combattimento ci ha, fra tanti, lasciata la pelle anche un colonnello. Da queste notizie si può arguire quanto sia stato grave questo nuovo disastro militare, che potrà far spendere altre 1000 lire al *Corriere della Sera*, per pagare una nuova ode sul — valore dei soldati italiani — al D'Annunzio, e farà anche, indubbiamente spargere tante lagrime alle madri italiane.

Intanto il giuoco del governo del re d'Italia comincia a scoprirsi: a Ouchy la Turchia non ha firmato la pace con l'Italia, ma ha concesso agli abitanti della Tripolitania l'autonomia politica di tutta regione (è questo decreto di autonomia la Turchia l'ha venduto all'Italia per 52 milioni di lire); e così arabi, e beduini continuano a combattere per vedere di liberarsi dagli invasori i stragieri.

In altri tempi — nei tempi in cui Garibaldi e Mazzini lavoravano per far insorgere gli italiani contro i dominatori stranieri, e la Casa di Savoia pronunciava la sentenza di morte contro tutti e due — in altri tempi gli italiani avrebbero inneggiato a quei valorosi che per la libertà della loro patria sorgevano in armi e sacrificavano eroicamente la vita. I tempi sono però mutati: gli schiavi di ieri sono diventati gli oppressori d'oggi.

Il fatto non distrugge però una grande verità: gli oppressori sono sempre degli esseri spregevoli e ripugnanti.

Inoltre la leggenda della grande ricchezza d'Italia: dei suoi incommensurabili bilanci governativi, è stata sfatata da un antico ministro delle finanze — il Wallemberg — in questi giorni alla Camera: con i documenti alla mano — e l'attuale ministro delle finanze non l'ha potuto smentire — ha dimostrato che il governo ha alterato i bilanci dello stato, facendo figurare nella partita attiva, delle centinaia di milioni che invece dovrebbero essere scritti nel passivo, col nobile scopo di nascondere alla nazione lo stato deplorabile, disastroso delle finanze italiane, — stato disastroso che la continuazione della guerra libica — dopo il solenne trattato di pace di Dochy — minaccia di precipitare nel fallimento.

E non è una esagerazione; la guerra in Cirenaica si combatte ancora a pochi chilometri dal mare. Per rimediare al disastro di pochi giorni orsono, per salvare i superstiti della strage, i telegrammi ci annunciano che sono arrivati a Marsa-Sasa — nuova base delle operazioni di guerra in Cirenaica — l'incrociatore *Agordat* e le corazzate *Umberto I* e *Sicilia*.

L'unità italiana non è ancora stata fatta: l'Italia è stata conquistata dai sabaudi nelle cui vene scorrono tutti i sanguini — in predominanza quello austriaco — spagnolo, tedesco, francese, fuori, naturalmente che il sangue italiano, e naturalmente i sabaudi trattano il popolo italiano come un armento da tosare e da mandare al macello.

Mastr'Antonio

Movimento nacional e internacional contra a lei de expulsão.

Como é sabido, as organizações operárias da França, Itália? Espanha e Portugal, realizarão no primeiro domingo do mês de junho, em todas as cidades dos citados países, grandes manifestações de protesto contra a lei de expulsão aprovada pelas camaras brasileiras, e contra a deportação dos trabalhadores que em Santos, tomaram parte nas últimas greves.

Com o fim de secundar este louvável movimento a Confederação Operária Brasileira enviou uma circular a todas as sociedades operárias do país, pedindo-lhes que no mesmo dia, realizem identicas manifestações nas respectivas localidades.

Estamos informados de que, para esse dia, a Federação Operária de Santos esta preparando um grande comício.

Mãos à obra, camaradas!

Pro Joubert

Camaradas!

Trabalhadores!

O companheiro Joséph Joubert, um valente lutador pela causa do proletariado, acha-se na cadeia desta cidade, condenado a quatro meses de prisão celular e 450\$000 de multa, por ter dito publicamente muitas verdades a propósito de um advogado, um explorador das classes trabalhadoras, verdades que os juizes tomaram por injurias.

Para livrar este camarada da injusta penalidade: que sofre abrimos varias listas de subscrição, uma das quais foi iniciada nesta redacção:

Pacifico	2\$000
Américo Zardo	2\$000
Io	1\$000
B. Victor	1\$000
R. Felipe	2\$000
Carvalho	1\$000
Barbieri	2\$000
Aorellana	2\$000
Gabriel Sanchez	1\$000

Pró Germinal! e Barricata

Entradas

CAMPINAS

G. Poloia	5\$000
P. Tonelli	1\$000
J. de Oliveira	1\$000
A. Bissoli	2\$000
Grinaldi	2\$000
Giuseppe	2\$000
Total	13\$000

JAU'
Tomaso Arrivabene (1913)

RIO
Lista Munhoz

BAURUR'
Entre amigos no dia 1º de Maio

S. J. RIO PARDO
Miguel Marché todo 1913

SANTOS
Assinatura de: F. Ferreira, J. Garcia

J. de Araujo, S. Fernandes

S. PAULO
J. Felipe

E. Felipe

E. Colli

F. Guerreiro

Total

LISTA de M. J. Conde:

Batista Casarini (1 ação)

José D. Ladeira (1 ação)

Augusto Seabra (1 ação)

Angelo Vame (1 ação)

F. Romazini (5 ações)

Sodoré Tibaldo (5 ações)

M. J. Conde (5 ações)

M. J. Conde donativo e rifa

Cobrança liquida na DOURADENSE

LISTA Barbieri:

Antônio L. Salado

José M. Steves

A. Bansi

Venda avulsa

Livros e folhetos

1 assinatura

Total

Saidas

Tipografia num. 9-10

Entregue a um camarada

Por um quadro

Sêlos para expedição

Despesas diversas, correspondencia, etc. etc.

Expedição ao exterior

Deficit do n. anterior

Endereços

Total

Resumo

Saidas

Entradas

Deficit

Leggete La Barricata